

ALEXANDRA LUCAS COELHO NÃO FICÇÕES



É TÃO GRANDE O ALENTEJO

1 Vai fazer meio ano que moro no Alentejo e ontem à noite vi, neste silêncio de paredes grossas, *Alentejo, Alentejo*, de Sérgio Tréfaut, reduzido ao pequeno ecrã do meu portátil. É como ver um *western* assim, as montanhas não cabem, os vales não cabem, os heróis não cabem, não conseguimos ver o dia e a noite nos olhos deles, e se eles cantarem, como num filme de Nicholas Ray, não conseguiremos ouvir o som dentro de nós. Mas já que dificilmente eu ia estar em Lisboa na altura da estreia, o Sérgio dera-me uma cópia há meses para eu ver aqui, no Alentejo, em vésperas da estreia. Então, agora, dia 18, o filme vai chegar aos cinemas e tudo aquilo, levantado do chão como os troncos se levantam do chão, os montes se levantam do chão, vai parecer tão grande quanto de facto é, desde o começo, do som da gravilha na *Grândola*, das caras que emergem da escuridão como as cabeças esculpidas no Monte Rushmore. Porque o documentário do Sérgio é um grande épico, um épico em que os heróis são aqueles e aquelas que apanharam sarna nos arrozais de Alcácer, que perderam avós nas minas de Aljustrel, que passaram fome na ceifa, na monda, na apanha, de Cuba ao Baleizão, de Serpa a Pias, da Aldeia Nova de São Bento a Peroguarda, de Alcáçovas a Beja, dividindo uma sardinha preta, cabeça para um, rabo para outro, vendo irmãos, pais, avós partirem para a Suíça, para França, e que ao longo de tudo isto nunca deixaram de cantar, até aos filhos, aos netos, olhos bem nos nossos olhos. *Alentejo, Alentejo* é sobre essa honra, essa força de um por todos e todos por um que quando abre a boca é para que toda a terra saia por ali.

2 Foi com uma serenata de Cante Alentejano que se resolveu o casamento dos pais de Sérgio. No pequeno texto que escreveu para a apresentação do filme, ele conta como o pai, de origem alentejana, o enviou aos 12 anos para casa de uns camponeses

“ Lá estão no filme as tabernas onde o Cante nasceu, com o emblema do Glorioso, com a TV ligada. E de repente, por cima de tudo aquilo, da ausência das mulheres, do fechamento, ergue-se a voz do primeiro solista, depois a do segundo, depois o coro, e esse é o momento em que não há cabeça curvada, tudo é altivez frontal

estrela, porque o próprio Sérgio montou uma Rota do Cante para dar a ouvir em Lisboa e no Porto vários dos grupos que estão no filme até Novembro, altura em que a UNESCO decidirá sobre a candidatura do Cante Alentejano a Património Imaterial da Humanidade. Também haverá sopa de tomate e beldroegas, bacalhau com coentradá, sopa de cação, coro de migas ou ensopado de borrego em vários restaurantes.

3 *Alentejo, Alentejo* cobre várias gerações de Cante, desde bisavós que andaram descalços aos filhos de alentejanos numa escola da Damaia, porque há nada menos que 150 grupos activos, que tanto vão passando as modas antigas como compõem novas. Resume o Sérgio: “Existem modas de trabalho (ceifa, monda, varejo, arado); existe todo o tipo de modas de amor (púdicas, apaixonadas e brejeiras); existem modas ditas pesadas e modas ditas leves; existem modas pagãs e cantos religiosos (Cante ao Menino, Cante aos Reis, etc); existem modas paradas, modas de desfile e modas de baile. Mas também existem modas históricas (ao Rei D. Carlos, por exemplo) e uma enorme variedade de modas políticas (contra a PIDE, sobre a Guerra Colonial, modas em louvor a Catarina Eufémia, à Reforma Agrária, à Revolução... mas também modas em louvor a Salazar! – em arquivo na RDP). Todos os meses se criam novas letras e novas modas. Algumas falam claramente do Portugal de hoje. Ex: ‘Portugal está na Crise’ (no filme). Até falam da *troika!*” Porque há no Alentejo uma “fé generosa e panteísta”, diz o Sérgio. “Sinto que, para eles, a Senhora de Guadalupe, os Reis Magos, Catarina Eufémia e os rebanhos de ovelhas que passeiam na planície são santos de um mesmo altar.” Talvez

no monte onde crescera. A casa de banho era fora de casa, o duche era a mangueira e no primeiro dia Sérgio comeu frango porque era visita: “Senti na pele o abismo que existia entre o mundo cosmopolita em que eu tinha crescido, primeiro no Brasil, depois em Paris, rodeado de exilados políticos, jornalistas e universitários, e o modo de vida pobre de uma pequena aldeia alentejana, onde toda a gente trabalhava no campo e, com sorte, aprendera a escrever o nome depois dos 40 anos. Perturbou-me e comoveu-me a generosidade das pessoas que me ofereciam absolutamente tudo o que tinham, sem ter nada.” Ao longo dos anos, vários dos seus filmes passaram em parte pelo Alentejo, e há três anos arrancou o projecto deste documentário, que agora se estende além da

estrela, porque o próprio Sérgio montou uma Rota do Cante para dar a ouvir em Lisboa e no Porto vários dos grupos que estão no filme até Novembro, altura em que a UNESCO decidirá sobre a candidatura do Cante Alentejano a Património Imaterial da Humanidade. Também haverá sopa de tomate e beldroegas, bacalhau com coentradá, sopa de cação, coro de migas ou ensopado de borrego em vários restaurantes.

3 *Alentejo, Alentejo* cobre várias gerações de Cante, desde bisavós que andaram descalços aos filhos de alentejanos numa escola da Damaia, porque há nada menos que 150 grupos activos, que tanto vão passando as modas antigas como compõem novas. Resume o Sérgio: “Existem modas de trabalho (ceifa, monda, varejo, arado); existe todo o tipo de modas de amor (púdicas, apaixonadas e brejeiras); existem modas ditas pesadas e modas ditas leves; existem modas pagãs e cantos religiosos (Cante ao Menino, Cante aos Reis, etc); existem modas paradas, modas de desfile e modas de baile. Mas também existem modas históricas (ao Rei D. Carlos, por exemplo) e uma enorme variedade de modas políticas (contra a PIDE, sobre a Guerra Colonial, modas em louvor a Catarina Eufémia, à Reforma Agrária, à Revolução... mas também modas em louvor a Salazar! – em arquivo na RDP). Todos os meses se criam novas letras e novas modas. Algumas falam claramente do Portugal de hoje. Ex: ‘Portugal está na Crise’ (no filme). Até falam da *troika!*” Porque há no Alentejo uma “fé generosa e panteísta”, diz o Sérgio. “Sinto que, para eles, a Senhora de Guadalupe, os Reis Magos, Catarina Eufémia e os rebanhos de ovelhas que passeiam na planície são santos de um mesmo altar.” Talvez

a força do Cante venha desse mistério em que, na verdade, tudo é sagrado: o pão, a azeitona, o alho, o coentro, a terra, tanta terra abandonada.

4 Morar no Alentejo é também aprender a reconhecer os vários silêncios, o que no sossego é abandono e partida forçada, por falta de trabalho, de alternativa. Nesta casa onde mal caibo eu e já couberam famílias, fui vendo as caras do filme aparecerem no ecrã. Nunca as vi, mas reconheço-as, da taberna onde uma noite entro para comprar cigarros e sou a única mulher; dos bancos onde os velhos se sentam imóveis, até mudarem de banco quando o sol avança; dos funerais que atravessam as ruas com a gente atrás, porque aqui a morte é de todos.

5 Lá estão no filme as tabernas onde o Cante nasceu, com o emblema do Glorioso, com a TV ligada. E de repente, por cima de tudo aquilo, da ausência das mulheres, do fechamento, ergue-se a voz do primeiro solista, depois a do segundo, depois o coro, e esse é o momento em que não há cabeça curvada, tudo é altivez frontal, comunicando directamente do início dos tempos, como suponho que terão feito os índios diante dos caubóis. Esses são coros de homens. As mulheres cantavam nos campos, que era o lugar diurno e exterior do Cante. Depois do 25 de Abril é que se começaram a organizar em grupos. Há vários no filme.

6 A direcção de fotografia (João Ribeiro) e o trabalho de som (Miguel Moraes Cabral, Olivier Blanc e Armanda Carvalho) são tão prodigiosos que nem o meu ecrã conseguiu dar cabo disso. Há uma nitidez, uma clareza, uma densidade, uma justiça, e, por entre tudo isto, o arrepió de uma epifania.

7 Um dos episódios passa-se fora do Alentejo, quando um dos coros masculinos vai actuar num piquenício no Terreiro do Paço e mal consegue fazer-se ouvir, visto que o locutor está a fazer avisos, a anunciar directos, a promover um concerto de Tony Carreira. E ali estão aqueles homens, vindos de propósito do Alentejo com as suas peles, os seus lenços, os seus chapéus, vencidos por tontos, como tantas vezes acontece.

8 E aquela mulher de Baleizão que acaba de fazer uma açorda, que nem sabe como ainda é viva, que de tão pobres as mulheres tinham uma sala, que quando chovia a tiravam para secar e ficavam de pelotas, porque nem roupa interior tinham, e nem dormir dormiam, porque se deitavam em sacas, e toda a noite eram pulgas e percevejos, além da fome. E aquele casal nos arrozais, malária, paludismo, águas podres. Nunca mais hei-de passar pelas planícies de Alcácer sem me lembrar de como crianças ou quase crianças andaram descalças na água podre. Já viram o tamanho do Alentejo? Nada em Portugal é tão grande.

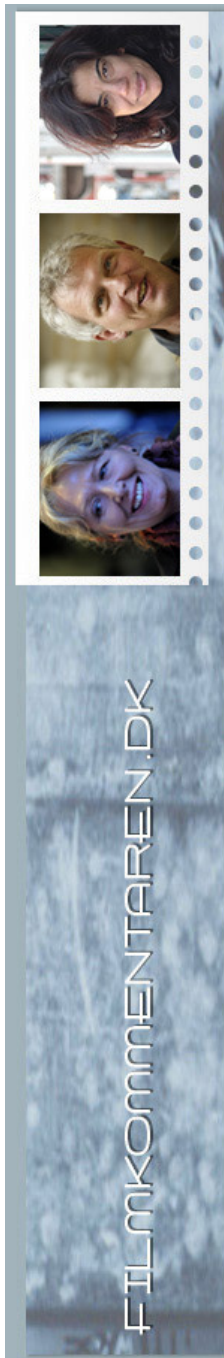
9 Tantas histórias por contar. Há anos pensei fazer uma recolha em torno do PREC. Entretanto, gente que muito admiro se atirou a isso, imagino que em 2015, no aniversário dos 40 anos, venham documentos e documentários. Mas, quem sabe, ainda não sai do Alentejo, e quando sair é para ir voltando.



CRÍTICA DA PRODUÇÃO ALENTEJO, ALENTEJO

Sergio Tréfaut: Alentejo, Alentejo

Skrevet den 05-08-2014 16:08:41 af Tue Steen Müller



An old man stands at his kitchen sink. He is being addressed by his daughter. *Cut.* He sits down at a table, cleans his glasses, puts them on, takes a piece of paper, looks into the camera, looks at *us* and



starts reading from the paper(s). I wrote a poem, he says, about "cante", about how it came into existence. He reads the lines about the Alentejo people being mute, but listening to the voices of birds and cicades, they got inspired to express *Life* through singing. Words were scarce, carefully treated. "Cante" was born. The old man smiles, he has given his interpretation with humour and pride of being part of the Alentejo community, a region that although abandoned and far away from Lisbon, a region with unemployment and poverty, has its own rich culture and history that is being nurtured not only by the old generation but also by the youngsters and the kids in schools.

In this –to warn you: I will not be short of praising adjectives in this review – wonderful emotional journey into the history of "cante", its roots, its connection to the farming and cooking culture (you see how a bread soup is made, and how bread is baked and red wine is enjoyed) you are invited to enjoy the "cante" singing by primarily male choirs constituted by Men with furrowed faces and well-fed stomachs, who make the most beautiful performances. You may close your eyes and enjoy, but it would be wrong as the camera catches superbly the faces and the English subtitles, as good as subtitles can be, give you the content of the songs.

What you discover is that the texts are *story* - telling themselves. Love songs from the countryside, in the beginning a tribute song to

Mother, a song about Death, powerful and sad, about the eternal crisis of Alentejo, and the crisis of today, and the longing to come back to Home, when you have left the culture and its deeply rooted "cante". Crisis of today: the film also lets children in a classroom tell their teacher that the parents work abroad, there is nothing for them here. The film ends on a song that includes lyrics like "abandoned" and "always been forgotten" and in this way the film is also a political message to the authorities of a Portugal in Lisbon and Porto, the big cities.

The cinematography – the dop is Joao Ribeiro – is unique. The singing with the choirs takes place on a black background or in taverns where the singers and the moments where the individuals come into the song are perfectly (= naturally) arranged. Look at the still accompanying this review, of course it is the man to the furthest left, who is the lead singer, whereafter others take over in the a capella performance. The light is set right in this scene from a tavern as many others from similar locations, complemented by the set-ups where you have the choir out-of-location and in the dresses they use for performance. Ribeiro demonstrates a fantastic eye for composition. When you have a person talking to the camera, like the old woman in the beginning of the film, who tells fascinatingly about her childhood, the framing is done through lot of stories told "around" the woman at the table. Or when you have an old man, also in the beginning, who remembers songs, is emotionally affected and sings one song, waits some moments – the camera stays on him - and sings one more... it is magnificently conveyed.

And thanks for letting the scenes unfold, for being slow = respectful, for letting the characters express themselves!

There is a song "to every situation" says a young man, who studies "cante", and you feel happy when you hear and see three young men in a kitchen where they make the bread soup, eats a bit, salutes each other with a glass of wine and start to sing, and afterwards talk about "cante". It's not about understanding, it's about "feeling the lyrics". He says.

I have followed Sergio Tréfaut's documentary work for many years. I saw his Portuguese revolution film "Outro Pais" (1999), his warm film with his mother "Fleurette" (2002), his "Lisboners" (2005), the Egypt work "City of the Dead". They are all good, however, the new "Alentejo, Alentejo" seems to me to be the most mature and rich informational and emotional documentary from his hands.

Alentejo, Alentejo: Lisbon Review

12:12 PM PDT 5/13/2014 by Neil Young



Screengrab

The Bottom Line

Warm tribute to the power of communal song strikes some duly rousing notes.

Venue

IndieLisboa film festival (Observatory), Lisbon, Portugal; May 4 2014.

Director

Sergio Trefaut

Experienced documentarian Sergio Trefaut's study of traditional music was named best Portuguese feature-length film at the Lisbon festival.

There's much more to Portuguese song than the world-renowned urban, solo lamentations of Fado, as shown by **Sergio Trefaut's** *Alentejo, Alentejo*. A leisurely celebration of the polyphonic, rural, traditional song-form known as *cante Alentejano*--or 'cante' for short--it won the prize for the best new Portuguese feature-length film when world-premiering at the country's leading festival, Indielisboa, and has crowdpleasing prospects for further festival exposure. The theatrical cut runs 100 minutes, with a trim 58-minute version available for small-screen slots.

RECOMMENDED

[/movie/x-men-days-future-past/review/703200](#)



[/movie/x-men-days-future-past/review/703200](#)

X-Men: Days of Future Past:

REVIEW: Welcome to New York-- Cannes Review

<http://www.hollywoodreporter.com/review/welcome-new-york-cannes-review-702669>

Trefaut and his editor **Pedro Marques** include no fewer than 26 examples of *cante* (pronounced 'can-teh') performed--without musical accompaniment--by ten different choirs, most of them from the eponymous Alentejo area in the country's south. Many of the songs, which are with only a couple of exceptions presented in full, deal with the landscape, history and hardships of this agricultural district. "Sacred land of bread... the golden fields and the immense loneliness" goes one; "such an abandoned land--for the good of the nation it should be cultivated... It has always been forgotten, so many people unemployed--such an abandoned land" means another. Trefaut avoids captions or narration, largely proceeding in time-honored fly-on-the-wall style.

While the subject-matter of the anthems is often downbeat, even grim, there's a palpable sense of joy in the way they're performed--choirs may be comprised of males or females (usually the former), but never both together--and captured in simple but striking indoor and outdoor settings. This is a rousing (if occasionally repetitive) paean to solidarity and communal activity, especially vital in times of economic strife. The nation's current plight is referenced in one particularly topical number ("Portugal is in crisis now... Factories are closing down") which confirms that the film itself is no mere elegiac compendium of folklore, and also that *cante* isn't just a picturesque exercise in quaint atavism.

The song-form may have experienced spells in and out of fashion (one speaker recalls a recent period "when *cante* was kitsch"), but Trefaut is careful to establish--especially in his film's final third--that it exerts considerable appeal to the country's younger generations. In an (over-)extended sequence of interviews with schoolchildren, we spot that their pencil-cases and bags are with few exceptions examples of *Spider-Man* memorabilia: a subtle indication of the commercial forces imperiling older, more homegrown cultural remnants.

But while youth is amply present, it's the more senior citizens who irresistibly dominate proceedings; their weathered and experience-etched faces amplify the effect of their soulful, resonant vocalizations. *Cante* involves two soloists (singing in slightly different keys) and a chorus of up to 30: the effect of the latter in full voice never fails to impress and often raises neck-hairs. Much credit must go to Trefaut's sound-recording team--**Miguel Moraes Cabral, Olivier Blanc, Armanda Carvalho**--for delivering audio of appropriately bell-like clarity, and which will surely lend itself to a potentially lucrative soundtrack CD.

'Alentejo, Alentejo' é registro histórico e declaração de amor

RODOLFO LUCENA
DE SÃO PAULO

28/10/2014 14h08

Marcados pelo tempo, enrugados pelo trabalho, crestados pelo sol, rostos se alternam na tela.

Ao fundo, som de homens em marcha introduz o primeiro canto de "Grandola, Vila Morena", que serviu de senha para Revolução dos Cravos —movimento que, em 1974, derrubou a ditadura salazarista em Portugal.

É assim mesmo, do trabalho e do observar da vida, que nasce o cante alentejano —estilo de música coletiva da região, tão particular que, mais das vezes, chamam-lhe tão somente cante—, resgatado e homenageado com maestria e carinho em "Alentejo, Alentejo".

Por ironia, o documentário não é obra de algum cineasta saudoso da terrinha, mas do brasileiro Sérgio Tréfaut, 49, que só na adolescência foi conhecer a pátria do pai.

Divulgação



Cena do filme 'Alentejo, Alentejo', que será exibido hoje (28), na Mostra

Não se trata de obra chorosa pelo passado, como é comum acontecer nesse tipo de resgate, que ouve anciãos e celebra costumes de outros tempos. Ao contrário, mostra que o antigo cante está vivo e se revoluciona: se antes só falava das lides do campo e de dores de amores, hoje se imiscui na política, alerta e protesta.

Tudo isso sem que seja necessária a voz do realizador ou a palavra de algum narrador. Tréfaut simplesmente deixa que os grupos corais cantem, falem, trabalhem. Aqui e acolá, uma entrevista: a conversa com dona Catarina Amador, por exemplo, dramática em conteúdo, vira quase anedota pela forma da fala da anciã.

Mostra o cante se espraiando, atraindo jovens, sendo entoado por mulheres e grupos mistos —coisa quase impensável antes da Revolução de 25 de Abril (como também é conhecido o levante contra Salazar). No passado, lembra um dos entrevistados de Tréfaut, não havia isso não: "O professor era a enxada".

Hoje, ainda, o trabalho é o mestre —é exemplar (e apetitosa) a sequência que acompanha a produção de um grupo de padeiros, ritmada como o seu cantar nas horas de folga, e são dramáticas as tomadas da terra maltratada pela mineração. Mas o cante é também ensinado na escola (outra iniciativa pós-ditadura), e têm excesso de fofura as sequências que acompanham aulas em colégios primários do Alentejo.

No conjunto, "Alentejo Alentejo" é a um só tempo música, registro histórico e declaração de amor.

ALENTEJO, ALENTEJO

DIREÇÃO Sérgio Tréfaut

PRODUÇÃO Portugal, 2014

MOSTRA ter (28), às 21h30, no Espaço Itaú - Frei Caneca

AVALIAÇÃO ótimo

O SENTIMENTO DE TODO UM POVO

SÉRGIO TRÉFAUT



É reputado documentarista e tem na sua filmografia dos mais carismáticos filmes portugueses. Agora debruça-se sobre o cante alentejano, numa jornada invulgar que vai até à alma de um povo, pela voz das suas gentes. Um Alentejo profundo resgatado pelo seu olhar peculiar. É sobre esse trabalho de três anos que nos fala.

Como é que nasce a vontade de fazer um filme sobre o cante alentejano? O ponto de partida é o convite da Câmara de Serpa, que decidiu desencadear a candidatura do cante a Património da Humanidade. Sugeriram-me dois filmes, um de dez minutos para integrar a candidatura, cumprindo as regras da UNESCO, e que é estritamente jornalístico, informativo e que explica a um paquistanês como a um australiano ou a um malaio o que é o cante alentejano, mesmo que nunca tenha ouvido falar dele. Foi feito nessa perspectiva, com voz *off*, o que é um pouco frustrante relativamente às ambições estéticas e à paixão que possa despertar essa música, ter de pôr uma voz *off* no meio da música para dar explicações! A outra proposta, em simultâneo, era uma longa-metragem com total liberdade e que fiz ao longo de três anos.

Ajudou à decisão de aceitar o facto de se tratar do cante alentejano? Se me tivessem proposto fazer um filme sobre o fado, por exemplo, não teria aceite, não seria a pessoa indicada nem seria acertado. Mas o cante alentejano sempre me tocou muito. Na música portuguesa, é o que sempre me comoveu mais. Não hesitei e entrei no desafio de descobrir como é que tudo se construiria, se filmava, se gravava.

Este não é um documentário regular. De que premissas partiu para o estruturar? Uma é minha, a outra vem do convite, que implicava não dever focar apenas um grupo ou uma região, mas ser mais abrangente. Compreendi que nunca teria possibilidade de conhecer os cerca de 150 grupos que havia no início da candidatura e assumi que ia fazer algo sobre a identidade alentejana, a identidade de um povo. São essas as premissas. A partir daí, fui filmar os grupos a cantar. Também fiz pesquisa em arquivos e percebi que o que estava filmado era mau, excetuando uma ou outra coisa, nomeadamente o trabalho do Alfredo Tropa com o Michel Giacometti ["Povo que Canta"], interessante pelo conceito com que o filmaram.

O material, em geral, é tão mau? É mortífero, triste, predomina o registo simples. Quando se vai a uma taberna e se coloca a câmara à frente de uns cantores, permitindo-nos apenas a alusão à 'tristeza', o que se consegue é uma porcaria, e destrói-se a essência do can-

"Alentejo, Alentejo",
o novo filme do cineasta Sérgio
Tréfaut, é mais do que um
trabalho sobre a história
do cante — dá-nos a ver
as raízes da condição
de ser alentejano
e de viver essa pertença.
Um filme de rara sensibilidade

Entrevista **António Loja Neves**

te. A maioria fica-se por isso, o que impede a possibilidade de reconhecer os grupos de forma alegre, positiva. Fiz uma reflexão com o diretor de fotografia, o João Ribeiro, para perceber como entrar na cabeça das pessoas, entender a essência da música, a alma das gentes. Filmar um grupo com estes pressupostos não é fácil. Optei por fazê-lo com a câmara muito próximo das pessoas em grupo, através de *travellings* à mão, recusando o plano de conjunto, ou então não se consegue a intimidade pretendida nem se entra 'dentro' da música. Acho que descobri como filmar e gravar o som da melhor forma para o projeto. Os primeiros alinhamentos, só com partes musicais, revelaram-se muito interessantes, mas à medida que o filme se tornava maior isso mostrou-se repetitivo, aborrecido...

Daí as entrevistas isoladas e os alunos das escolas... Pensei neles e também nos poetas populares para dispor de uma forma narrativa mais lírica. E registei muitos depoimentos ou entrevistas. Só que a contaminação do formato dos telejornais faz com que as pessoas tenham um discurso informativo, e tive de deitar muita coisa para o lixo. Culpa minha, provavelmente. Só mais tarde é que me surgiu a hipótese da açorda para fazer com que as pessoas se abrissem mais, pudessem chegar à sua intimidade. Afinal, a açorda faz parte da identidade alentejana e tem também a ver com a minha própria relação com o Alentejo, esteve no meu primeiro contacto com aquela região. E essa opção mostrou-se bastante forte para o andamento do projeto.

Tem uma relação anterior com o Alentejo. Trabalha isso no filme? O filme não tem nada de autobiográfico, longe disso. Se tenho essa relação com o cante é porque aos 12 anos, chegado a Portugal vindo do Brasil e de Paris, menino da cidade habituado à convivência com intelectuais, exilados políticos e universitários, tive a experiência do contacto com um território onde encontrei pessoas que raras vezes sabiam escrever o próprio nome e

que não tendo praticamente nada ofereciam tudo o que possuíam, tinham o hábito da partilha, o que me marcou para sempre. Nutro um enorme respeito pelas pessoas que então conheci e que reconhecia como a parte mais fraca de um sistema que não lhes permitia ter condições dignas de vida, mas que, apesar de tudo, tinham uma nobreza enorme.

O que está bem vincado no testemunho da senhora Catarina, do Baleizão, quando fala do tempo em que o pai dividia uma sardinha pelos filhos e do respeito e dignidade que transmite ao falar desses tempos de pobreza extrema. Fala de ter frio, de andar descalça até no inverno, a Catarina, que ainda hoje não sabe assinar. E que conta aquela pobreza toda e acaba dizendo que, mesmo assim, iam pela estrada em direção ao trabalho nos campos, com tão tenra idade, cantando as modinhas. Ela é uma força da natureza, uma mulher maravilhosa.

É a primeira a ser filmada na preparação da açorda, a estratégia para chegar à intimidade dos cantores. E há, quase ao fim do filme, o grupo de três jovens que preparam um petisco — uma açorda, exatamente — e que fazem uma reflexão profunda sobre a sua pertença ao cante alentejano. Correu muito bem com Catarina. A partir daí surgiu a ideia de ter as pessoas a falar após ganharmos intimidade, e cozinhar pareceu bem. Carlos Arruda, que é um rapaz de vinte e tal anos, solista do grupo de Serpa, faz aquela açorda já numa cozinha toda *high-tech* lisboeta — trabalha no Banco de Portugal — e fala de quanto lutou na adolescência contra os colegas de escola, que achavam que era ridículo e risível pertencer a um grupo de cante. É mais importante ter depoimentos íntimos do que discursos teóricos, que dariam outro filme, diferente... Por exemplo, há tanto a dizer sobre as diásporas, só que preferi que as pessoas que falam sobre as diásporas falassem de dentro. Se o filme não fala do facto de haver uma diáspora alentejana no Canadá ou nos Estados Unidos, ou que há grupos na Alemanha e na França, paciência! Desejo é que se entenda que as pessoas que tiveram de sair do Alentejo trouxeram consigo essa paixão, a condição dessa pertença. Mesmo quando as modas têm autor conhecido, quando os grupos as editam em disco, raras vezes está lá escrito quem é. Trata-se de um património coletivo, e em qualquer lugarejo toda a gente sabe cantar as modas mais conhecidas, com variações de lugar para lugar. Mas é um património comum, que teve a sua evolução histórica e que conhece, hoje, um novo entusiasmo. **A**

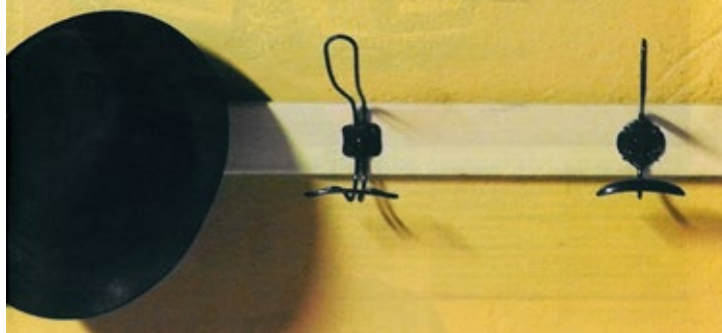
lneves@expresso.imprensa.pt

Ver crítica na pág. 27

ipsilon

Povo que canta

Alentejo, Alentejo de Sérgio Trefaut, o retrato sensorial de um país



O Alentejo canta, logo resiste

Kathleen Gomes

Podia ser o requiem por uma tradição em vias de desaparecer, é o retrato de um povo que canta, logo resiste. É *Alentejo, Alentejo*, de Sérgio Trefaut, documentário sobre o canto alentejano, filme-ensaio sobre um território, sobre o país, agora. Fomos com o realizador a alguns dos lugares onde filmou. É fácil esvaziar um tanque de gasóleo no Alentejo porque Trefaut conhece o território como se estivesse em casa.

Que chances de sobrevivência tem um canto coletivo nascido e criado nos rituais do trabalho no campo se a agricultura foi ocupada por máquinas? Com que voz se destina uma desafiadora? Na era Facebook, que utilidades têm músicas cantadas por rapazes lisboetas em bares?



A primeira imagem de *Alentejo, Alentejo*, o novo filme de Sérgio Trefaut, é a de um acordeão. Não que isso seja explícito. É, antes, uma homenagem íntima ao mentor de um grupo de canto alentejano de Trás-os-Montes, que morreu durante a montagem do filme. Mas, sabendo isso, e vendo depois as gravações mais velhas compungente sempre no passado - perfêto, imperfeito -, não é difícil concluir o canto alentejano já não devia existir.

Quase todas as expressões de música popular que Fernando Lopes-Graça e Michel Giacometti recolheram nos anos 1960, do Minho ao Alentejo, são hoje anacrônicas.

Que chance de sobrevivência tem um canto coletivo nascido e criado nos rituais do trabalho no campo se a agricultura foi ocupada por máquinas? Com que voz se destina uma desafiadora? Na era Facebook, que utilidades têm músicas cantadas por rapazes lisboetas em bares?

"Tudo se vive à lançoquinha, / De modo mais ao país, / Ainda tu há de ser minho, / Ainda tu há de ser trás-os-Montes."

É o Alentejo é grande, mas cada vez mais vazio. "Faz o Vila Nova o ritmo mais populoso dentro, quando entram aldeias, de que tem hoje larga, que é cidade", comenta Sérgio Trefaut.

A morte é tema tão frequente no canto alentejano que é como se o português tivesse preparado o seu requiem.

Alentejo, Alentejo abre com uma sequência de imagens: um homem, depois outro, e assim sucessivamente, retratado como fotografias, de olhos fechados, por vezes desolados. É como se estes fossem o que restava de um olhar para nós, modo de que não a olharmos para eles. E isso o espectador sente-se afetado. Se fosse um retrato, esta seria a cara do Alentejo.

O fundo é negro porque é de noite, mas é impossível ver quase uma mancha sobre o perfil do canto alentejano.

O som é de pé a marchar sobre a terra. Zeca Afonso começa a cantar *Grândola Vila Morena*. Não é que é isso de "o povo é quem mais ordena" mas país que preferia a resignação.

Por tanto: o canto alentejano já não devia existir.

A herança
É fácil encontrar um tanque de gasóleo no Alentejo porque Sérgio Trefaut conhece o território como se estivesse em casa. Nasceu em Vila Verde, no Brasil, filho de um alentejano e de uma francesa, filha 12 anos quando mudou para primeira vez o Alentejo. "Foi na pele o alentejo que vivia entre o mundo cosmopolita em que eu tinha crescido, primeiro no Brasil, depois em P-



★★★

ALENTEJO ALENTEJO

de Sérgio Tréfaut

(Portugal)

Documentário M/12

ESTRELA A candidatura do cante alentejano a Património Imaterial da Humanidade dará origem, decerto, a inúmeros gestos públicos que enquadrarão a candidatura, criando, além disso, uma dinâmica de divulgação junto do público. Entendo o documentário "Alentejo Alentejo", que Sérgio Tréfaut ora estreia, como um desses gestos, sendo a sua estreia, para mais, encaixada por espetáculos, mostras gastronómicas, um disco — criando um evento em Lisboa de inusitada dimensão. O filme começa e acaba com exemplos de cante alentejano, e a maior parte do que lá tem dentro é constituída por momentos cantados, multiplicando origens e protagonistas. É assim que, da realidade tradicional das tascas de aldeia a um grupo coral infantil de uma escola dos subúrbios de Lisboa, maioritariamente constituído por crianças de origem africana, o olhar da câmara vai colhendo rostos, vai mostrando pessoas. Mas a experiência de documentarista que Tréfaut carrega não o deixa ficar pela simples justaposição de cantigas, ele caminha um pouco mais para o fundo e interliga o cante com a realidade do Alentejo, que, por via da família paterna, também está inscrita no ADN do realizador. Há a memória dos velhos que nunca foram meninos, descalços, ao frio, a caminho da monda — e cantavam. Há a realidade dos mineiros de Aljustrel. Há cantos de mulher — a refletir os tempos de crise, dias de agora. Há crianças a falar dos pais e avós que partiram, a fugir de uma realidade onde não há trabalho — e tanta terra abandonada, cantam. E há o pão que se faz, o gado de que se cuida, os mortos que se veneram, tudo marcado por aquele som onde uma voz que lança, outra retoma, antes de o cante se tornar de todos, coletivo, alentejano. **J.L.R.**



Variantes É muitas vezes à mesa, nas tabernas, que surgem de improviso os cantos. No fotograma da direita, o Coro de Serpa interpreta uma das modas mais complexas: «Salsa Verde». Em cima, o Grupo Feminino de Alcáçovas canta música com letra muito contemporânea: «Portugal está em crise»

O som da terra

O novo documentário de Sérgio Tréfaut conta-nos a pulsação calma, compassada, única e poderosa do cante alentejano

POR ANA MARGARIDA DE CARVALHO

É a cadência do passo, é Zeca Afonso com Zé Mário Branco a gravar em cima da gravilha, é a *Grândola*, é a *Grândola*, é o início do filme de Sérgio Tréfaut, *Alentejo, Alentejo* (um só ficaria coxo), que se estreia esta quinta-feira, 18 - ganhou o prémio da competição nacional no festival IndieLisboa deste ano e acompanha, em paralelo com iniciativas várias, a candidatura do Cante Alentejano a Património Imaterial da Humanidade, a decidir pela UNESCO em finais de novembro. Todo o filme ganha este embalo, que, no fundo, é o do andar, lento mas firme, sincopado, em conjunto, um, dois, um, dois, nas arruadas que enchem o espaço com a polifonia de vozes. Diz Tréfaut «que parecem saídas das profundezas da terra». São vozes de homens - poderosas, cheias de virilidade, firmeza e dignidade. Mesmo quando, logo no princípio do filme, homens feitos, de caras tracejadas de rugas, cantam «ó minha mãe minha amada, quem tem uma mãe tem tudo, quem não tem mãe não tem nada», nunca parecem lamechas, nunca ridículos. É uma força que vem da terra, aventa Tréfaut, talvez, embora as vozes das mulheres (também há coros só femininos) lhe pare-



«As vozes dos homens parecem saídas das profundezas da terra», diz o realizador Sérgio Tréfaut

çam que «pairam nos céus». Tal como Zeca Afonso fez a *Grândola* como homenagem às coletividades e ao povo alentejano que o acolheu tão bem, também este filme, explica o realizador, abre assim, como forma de agradecimento: «É o mote deste filme, é importante dizer-se que há formas de expressão, de falar e de estar que merecem ser ouvidas e conhecidas, por oposição à contaminação vigente do lixo quotidiano que nos circunda.» Porque, continua Tréfaut neste registo de indignação, «mais de metade do que passa neste momento na TV deveria ser jogado na sanita e eu puxo a descarga com prazer». E este espezinhamento da cultura é-nos dado, no filme, numa sequência tão fantástica quanto deprimente, quando um coro alentejano é convidado para participar no Piquenício, no Terreiro do Paço, e estes homens passam a cantar, através de uma espécie de circo dos horrores, seres vestidos de coelhos cor-de-rosa, mulheres que tiram *sélfes* a fazer adeus, e uma voz ao microfone que anuncia «daqui a pouco o concerto do Tony Carreira, 'continuem-se' [sic] a divertir!».

Resistência

Depois de *A Cidade dos Mortos* (2009), filmado no Egito, entre os habitantes vivos, nos cemitérios, em que o realizador se confrontou com as maiores dificuldades, tudo falhava à última hora, nada era possível, um pesadelo, em *Alentejo Alentejo*, as pessoas receberam-no, conta, com um extremo carinho e amizade - «sente-se que os alentejanos são pessoas com quem se pode contar», assim que perceberam que ele iria tratar

cima de sacas de adubo, e os pés gretavam de fradeiras e sarna, nos arrozais.

Trata-se, sobretudo, do trabalho, nas minas, na monda, no varejo, ou das cantorias espontâneas nas tabernas pela noite fora, onde ainda há pouco tempo, diz-se no filme, o cante eram proibido «por ser folheiro»... «E as tabernas passaram a chamar-se 'cafés'». Hoje, quis salientar Tréfaut, «passou-se o testemunho», existe renovação, letras novas sobre a crise e a *troika*, há jovens que mantêm os coros e aulas com turmas de meninos maioritariamente de origem cabo-verdiana a aprenderem o cante na Damaia.

Dos cerca de 150 coros que existem no País, Tréfaut foi acompanhando alguns, de «forma um pouco intuitiva», procurando romper estereótipos e chavões, dar as variantes, as diferentes formas de cante, imperceptíveis aos ouvidos mais amadores, a maneira como se envolvem o ponto (solista) e o alto (o que faz as modulações), ver como são quase antagónicos os modos de Serpa e Cuba, por exemplo. Preocupou-se menos em entrar nas especulações sobre a proveniência do cante, se tem um lado litúrgico e de seculares canções de corte

(como defendia Lopes-Graça), se tem origem árabe ou moçárabe... Preferiu antes registar o Alentejo (que, por sinal, até são dois), através do som que emitem aquelas terras, aquele clima, aquela paisagem, aquela gente, aquela gastronomia, aquele sotaque... E fixar-se nestes homens tão singulares, tão mutantes, que conseguiram esta síntese impossível: associar um lado conservador com outro progressista. Que se tratam por você, apesar de serem íntimos e de se conhecerem desde a nascença, que ainda usam boina e não se deixam seduzir pelos bonés de pala à americana. E, depois, há aquela solenidade, eles cantam sem sorrir, não há dança durante o cante, uma gravidade que arrepiam... «silenciosos, atentos e circunspectos». Apesar de, comenta Tréfaut, brincarem e contarem piadas o tempo todo, nos intervalos... «Têm a sensibilidade à flor da pele mas não

choram por dá cá aquela palha.» Através do cante, presente-se a paisagem, agreste e vasta, a indolência do calor intenso, a terra ocupada durante séculos pelos grandes latifundiários, as gentes atemorizadas pela GNR, a morte, a solidão, o trabalho coletivo mas por conta de outrem, o abandono a que foi votado o povo pela Igreja Católica, sempre, ali, ao lado dos ricos... E nas letras, por mais alegres que pareçam, há sempre um elemento de contrariedade, de incomodidade, de frustração, de angústia, de opressão... Mas nunca de pieguice ou renúncia. A resistência do tempo, a clemência de um sobreiro. ■

Rota do cante

O percurso das vozes, entre a estreia do filme e a decisão da UNESCO, em finais de novembro, sobre a candidatura a Património Imaterial da Humanidade

19 de setembro Lisboa, UCI

Apresentação do filme por João Lopes, com a presença de Sérgio Tréfaut, numa exibição dupla: *Alentejo, Alentejo* precedido de *Lisboetas*

20 de setembro Porto

O coro Os Bubedanas canta nas ruas, entre a Ribeira e os Clérigos

1 de outubro (Dia da Música) Lisboa

Espectáculos ao fim da tarde, nas estações de metro, Transtejo e comboios.

Outubro

Lançamento do CD com a banda sonora do filme

11 e 25 de outubro Amadora

Improviso de cante e jantar-corívio na sede de Os Alentejanos da Damaia

Até 29 de novembro Lisboa

Vários espetáculos de rua, no Bairro Alto, na Casa do Alentejo e em vários restaurantes associados

FAUX APRESENTA

ALENTEJO ALENTEJO

UM FILME DE SÉRGIO TRÉFAUT

(PRÉMIO MELHOR FILME PORTUGUÊS INDIÉ LISBOA 2014)



**ESTREIA
18 SET.**

www.alentejoalentejo.com

CANTE ALENTEJANO A PATRIMÓNIO IMATERIAL DA HUMANIDADE - UNESCO

A FESTA DO CANTE DE SETEMBRO A NOVEMBRO

12 SETEMBRO ESPECTÁCULOS E ANTESTREIA

19h00 - Igreja de São Domingos Cante religioso (cinco grupos).
19h45 - Rua das Portas de Sto Antão Desfile com: Os Amigos do Feijó, Grupo Coral da Amadora, Amigos do Barreiro, Os Alentejanos da Damaia, Estrelas do Guadiana.
21h30 - Casa do Alentejo Antestreia do filme *Alentejo, Alentejo*, com o apoio do Bazar do Vídeo - Optec

13 SETEMBRO ESPECTÁCULOS

11h00 - Mosteiro dos Jerónimos* Os Camponeses de Pias e Grupo da Casa do Povo de Serpa.
17h00 - Sé Patriarcal Cantadores da Aldeia Nova de São Bento.
17h00 - Mercado da Ribeira Mineiros de Ajustrel e Os Ceifeiros de Cuba.
19h00 - Castelo de São Jorge* Todos os grupos (Pias, Serpa, Vila Nova S. Bento, Ajustrel e Cuba).
21h30 - Casa do Alentejo Jantar. Todos os grupos e Os Bubedanas.
23h00 - Bairros Históricos Ruas do Bairro Alto e Alfama. Todos os grupos.

* Entrada sujeita à bilheteira do monumento.

18 SETEMBRO ESTREIA NACIONAL DO FILME

UCI El Corte Inglés (Lisboa), UCI Arrábida (Porto) e Fórum Almada

20 SETEMBRO DESFILE NO PORTO

Ribeira e Clérigos Os Bubedanas desfilam e cantam nas ruas do Porto.

1 OUTUBRO - DIA DA MÚSICA ESPECTÁCULOS

Estações do Metro, Comboios e Transtejo Actuações ao fim da tarde.

INÍCIO DE OUTUBRO LANÇAMENTO DE CD

Apresentação do CD *Alentejo, Alentejo* com a banda a sonora do filme.

11 E 25 OUTUBRO JANTAR E IMPROVISO DE CANTE

20h00 - Sede do Grupo "Os Alentejanos da Damaia"

19 SETEMBRO A 29 NOVEMBRO ESPECTÁCULOS SURPRESA



alentejo

ASSOCIAÇÃO
ESPORÃO